

Maristella Petti entrevista Nicolas Behr

Nicolas Behr (Nikolaus von Behr) nasceu em 1958, em Cuiabá, Mato Grosso, vivendo em Brasília desde 1974. Publica seus livros de poesia desde 1977. Preso no ano seguinte pelo DOPS (polícia política da ditadura) julgado e absolvido em 1979. Foi publicitário e hoje é produtor de mudas, ecologista. *Laranja Seleta – poesia escolhida* (1977 – 2007) foi lançado pela Língua Geral e participou como finalista no Prêmio Portugal Telecom de Literatura em 2008. O Instituto de Letras da Universidade de Brasília criou, em 2014, o Prêmio Nicolas Behr de Literatura. Sua obra tem sido objeto de várias dissertações de mestrado e documentários. Participa ativamente de oficinas de poesia e encontros literários pelo Brasil. Adora Brasília.

Você viveu uma fase importante da historiografia literária brasileira, sendo parte da geração mimeógrafo, que levou artistas e intelectuais a procurar meios alternativos de difusão cultural para resistir à censura da ditadura militar. Tem algo daquela geração que sobreviveu, que você reconhece nos autores de hoje?

Sim, acho que muita coisa ficou. Oxigenou a poesia brasileira, tornando-a mais informal e aproximando o poeta do público, desmistificando muito a imagem de poeta. Facilitou a circulação da poesia. Qualquer pessoa podia editar seu próprio livro, não precisando do aval de uma editora ou de uma academia de letras. A geração mimeógrafo tirou o terno e a gravata da poesia. No estilo também, incorporou o humor, o cotidiano, trouxe a poesia mais perto para o dia a dia das pessoas. Enfim, acho que foi uma ruptura.

Essa ruptura, ela tem levado apenas coisas boas ou talvez tenha baixado, em alguns casos, o nível de qualidade da poesia brasileira?

Daqui 100 anos a gente conversa de novo. E para confundir tudo mais um pouco, chegou a Internet, que veio para ficar. Claro, a tecnologia não vai salvar o poema, mas que as redes sociais e a velocidade na transmissão da informação e a incrível facilidade de acesso à poesia... isso também é revolucionário. A qualidade sempre sai da quantidade. Nos anos 70 centenas de poetas publicaram livrinhos mimeografados, era uma verdadeira febre. A poesia, como a vida, está em permanente mutação, o tempo não para.

Em 1978 foi preso pelo DOPS. Como foi o cárcere em tempos de ditadura, e o quanto isso atingiu a sua existência?

Quando fui preso eu era menor de idade, não tinha feito ainda 21 anos. Fui preso sob a acusação de posse de material pornográfico, mas o que eles queriam mesmo era me processar pela Lei de Segurança Nacional, mas não encontraram o mimeógrafo e, portanto, me processaram pelo Código Penal. Disseram lá no DOPS, a polícia política da ditadura, que se fosse uns anos antes, eles teriam desaparecido comigo. Já se falava em “abertura”, o projeto político do Presidente General Geisel, de distensão gradual do regime. Quando estava lá, eu me perguntava: isso tudo será que é comigo mesmo? Será que minha poesia ameaça assim o poderoso Estado brasileiro? Como as ditaduras são medrosas e covardes, não é mesmo?! Isso

impactou minha existência sim, mas não tirou minha coragem. Menos de um ano depois já tinha sido julgado e absolvido, e produzindo mais e mais livrinhos.

Porque, a poucos anos de distância dos anos de chumbo, o Brasil resolveu eleger presidente um ex-militar de extrema direita?

A eleição do Bolsonaro apenas revelou que o Brasil na verdade é um país extremamente conservador e que não chegou ainda na modernidade. E que não conseguiu ainda encarar certas questões muito sérias, como a intrínseca diversidade que temos... A não inclusão do negro e do índio no projeto nacional de nação é um claro exemplo de como ainda falta muito para o Brasil ser um país justo.

Podemos afirmar que você nunca parou de ser militante, pois continua, desde a década de 70, se empenhando na ação social. A ajuda que você dá a Claretiana é um exemplo. Pode nos explicar quais são as reais condições de um povoado desses? Costumamos hoje imaginar o Brasil como um país mais que evoluído, mas nem em qualquer lugar é assim...

Certas populações do Brasil, principalmente muito interioranas, sofrem de um tipo de depressão coletiva, pelo abandono dessas populações pelo poder público, que só as procura em tempos de eleições, querendo o seu voto para legitimar ainda mais a opressão que sofrem. Minhas ações sociais são gotas no oceano, mas eu acredito num ditado chinês: "Acenda uma vela ao invés de maldizer a escuridão". É pouco, é muito pouco, mas já é alguma coisa. Uma gota no oceano.

Ao longo de quase toda sua obra lemos sobre a maravilhosa obsessão que é Brasília. Consegue explicar agora, em breve (e em prosa!), o que representa essa cidade, de apenas 59 anos, para você?

Se não fosse Brasília não haveria poesia na minha vida. O impacto que a cidade-maquete me causou quando aqui cheguei, aos 15 anos. Uma cidade agreste, agressiva, inóspita. Hoje Brasília já não é mais a cidade artificial que era quando cheguei, em 1974. O tempo, as pessoas, a arte e as artes humanizaram a maquete. No fundo, o que queremos é dissociar Brasília da ideia de poder. Que aqui o poder seja, um dia, mero acessório. E essa dissociação vai acontecer pela arte.

Quais os autores brasileiros, mortos e vivos, que mais ama e que mais influenciaram a sua poesia?

Vamos lá: Carlos Drummond de Andrade, João Cabral, Manuel Bandeira... os nossos clássicos. E meus contemporâneos: Francisco Alvim, Chacal, Cacaso, Leminski, Manoel de Barros.

Quanto do Brasil de Drummond podemos encontrar na sua Brasília?

www.insulaeuropea.eu

Podemos encontrar muito de Drummond na minha poesia, não só de Brasília. A influência dele se dilui. Está muito presente apesar de eu mesmo não perceber isso.

Uma curiosidade: o Nicolas Behr se sente mais poeta ou viveirista?

Nicolas Behr é um poeta-viveirista que quer ser feliz. Acredita que a felicidade existe e a procura desesperadamente. Dentro e fora da poesia: na vida.